

## A influência africana na formação do português brasileiro

Naira Cristina Fernandes da Fonseca<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho visa analisar os fatores que interferiram na formação da língua portuguesa falada atualmente no Brasil. Serão levadas em consideração as condições que contribuíram para as modificações advindas das influências exercidas por outros povos e pela peculiar condição de colônia de exploração que foi o Brasil.

É fato que indígenas, europeus, árabes e diversos outros povos tiveram uma importante participação no processo de formação do português do Brasil, porém a influência africana será abordada aqui como principal expoente nesse processo, já que ainda hoje, existem fatos que comprovam essa importância como a sonoridade das palavras e algumas expressões utilizadas principalmente na culinária.

Outro importante aspecto analisado será a interação que precisou existir entre nativos e estrangeiros para que a língua sofresse mudanças. A fim de se entender melhor esse aspecto será estudada a cidade de Helvécia na Bahia, que por ter uma grande população de escravos africanos, guardou traços que permanecem ainda hoje na fala de seus habitantes e que criam uma hipótese de criouliização nessa região.

**Palavras-chave:** Interferência, influência, interação, povos africanos, criouliização.

**Abstract:** This work aims to analyze the factors which had interfered in the formation of the Portuguese language currently spoken in Brazil. It will consider the conditions that contributed for the changes arising from the influences exerted by other peoples and by the peculiar colonial condition, when Brazil was explored by other people.

It's a fact that native, Europeans, Arabs and many other people had an important participation in the process of the Portuguese in Brazil, but the African influence will be discussed here as a leading exponent in this process, as today, there are facts which prove this importance as the sound of words and certain expressions are used mainly in cooking.

Another important aspect will be analyzed is the interaction that had to exist between native and foreign language to suffer some changes. In order to better

understand this aspect will be studied in the town of Helvecia in Bahia, where

there is a large population of African slaves, they kept traces that remain in the speech of its people until today and create a hypothesis Afro-brazilian in this region.

**Keywords:** Interference, influence, interaction, African people, Afro-brazilian.

---

<sup>1</sup> Estudante de Língua Portuguesa na Universidade de Brasília.

## INTRODUÇÃO

O português é um idioma derivado do Latim e, por isso, divide características com outras línguas vindas do mesmo tronco linguístico. Atualmente, é tido como língua oficial em nove países: Portugal, Ilha da Madeira, Arquipélago dos Açores, Brasil, Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, lembrando também dos países que não o têm como língua oficial, mas que possuem uma quantidade significativa de falantes: Macau, Goa e Timor Leste.

O interessante que se percebe das análises feitas do idioma é que, apesar dessa quantidade de países onde há falantes, cada lugar possui diferenças quanto a pronúncia das palavras, sonoridade, uso e escolha de termos, dentre outros. Quanto às peculiaridades da língua destaca-se o Brasil, devido às influências sofridas durante o período de colonização, o Português falado aqui possui características diferenciadas do que é falado em Portugal, por exemplo.

Os outros países em que se fala língua portuguesa, seja oficialmente ou não, dividem basicamente as mesmas características, mais parecidas com o Português de Portugal. Isso porque o Brasil, por ter sido uma colônia de exploração portuguesa, recebeu diversos povos em seu período de colonização.

Dentre os povos que influenciaram na formação do Português brasileiro destacam-se africanos, indígenas e árabes. Os africanos e os indígenas muito usados para o trabalho escravo e os árabes influenciaram muito na economia, devido às

intensas transações comerciais que aconteciam no período de exploração brasileiro.

Diante da intensa interação entre os povos, surgiram várias modificações na língua. As modificações se deram através das influências que os povos exerciam uns sobre os outros. É perceptível que ao chegar ao Brasil, um escravo africano iria buscar um meio de se comunicar com as outras pessoas que já estavam aqui, essa necessidade de comunicação fez com que surgissem as primeiras influências.

Os estudiosos da língua demoraram um tempo para dar atenção às influências de origem africana, no prefácio do livro *A influência africana no português do Brasil* é relatado que mesmo que fosse perceptível que a África havia influenciado na formação do português do Brasil, a atenção sempre foi voltada mais para as interferências do Tupi, por exemplo. Somente em 1933 com o livro *O elemento afro-negro na língua portuguesa* de Jacques Raimundo e com *A influência africana no português do Brasil* de Renato Mendonça é que esse cenário começou a mudar.

As influências advindas da África ficavam restritas ao campo lexical, mas Renato Mendonça conseguiu mostrar em seu livro que as influências chegavam a um campo muito mais amplo de fonética, semântica, morfologia e sintaxe. Atualmente cerca de 3000 termos de origem africana são reconhecidos no português brasileiro, Yeda Pessoa de Castro compôs 1/3 de seu livro *Falares africanos na Bahia* com esses termos.

Dentre os diversos campos em que aparecem palavras de origem africana se destaca a culinária,

isso porque os escravos ficavam em maior quantidade no campo e nas cozinhas. É lícito afirmar que quanto maior a interação com outros povos, maior seria a influência.

Muito se questionou sobre o motivo pelo qual os escravos africanos não se comunicavam em sua língua materna, mas isso é de fácil explicação, já que escravos de tribos diferentes eram colocados juntos. Essa estratégia servia para dificultar as fugas e revoltas, já que não entendiam a língua um do outro ficava muito mais difícil se comunicar.

Os africanos trazidos para o Brasil no período de intensificação do cultivo de cana-de-açúcar vieram de diversos lugares, no séc. XVI: 1º Ciclo da Guiné - Da África ao norte do Equador - chamados genericamente de sudaneses; 2º Ciclo do Congo-Angola - Os bantos da África equatorial e central, no séc. XVIII: 3º Ciclo - novamente com predominância dos sudaneses e se desdobra no ciclo baiano; Ciclo baiano - Da Baía de Benin e no séc. XIX: ultrapassando 1830, já com o tráfico ilegal. Os escravos vieram predominantemente de Angola e Moçambique (bantos).

Quando a escravidão foi considerada crime, ou seja, depois da Lei Áurea e de todas as revoltas, o tráfico negreiro teve uma menor expressividade até que se extinguiu, ainda assim, as influências africanas se perpetuaram pelo português brasileiro e ajudaram a compor o idioma como é conhecido hoje.

## ESCRAVIZAÇÃO E TRÁFICO DE NEGROS AFRICANOS

A colonização brasileira significou exploração desde o início, primeiramente dos nativos indígenas chamados de “negros da terra” e das riquezas do solo brasileiro. Após ser estabelecida no Brasil uma colônia de exploração de Portugal, era necessário criar mecanismos de se ampliar o lucro ao máximo, assim surgiu a necessidade de importar escravos, os chamados “negros da guiné”.

Portos para comercialização de escravos foram instalados na África e em vários locais na América, nessa época, surgiram várias companhias importadoras de escravos que desembarcavam suas mercadorias no Brasil e os colocavam à venda.

Estima-se que cerca de 11 milhões de negros foram trazidos para o Brasil no período de escravidão, sendo eles homens, mulheres e crianças. Esse número aponta apenas para os escravos que chegaram vivos ao Brasil, ou seja, não faz menção às vidas perdidas durante a viagem.

Estudos mostram que, nos primeiros momentos, a prática escravista de indígenas foi bastante praticada no Brasil, no território amazônico, por exemplo, onde a prática econômica mais utilizada era a coleta de plantas nativas, conhecidas como “drogas do sertão” (salsaparrilha, baunilha, cacau), os escravos eram, quase que totalmente, de origem indígena. A partir do momento em que as companhias importadoras de escravos se fixaram no Brasil e já não precisavam mais da

tutela de Portugal para importar seus escravos, era possível abastecer todo o Brasil com mão-de-obra escrava vinda da África. Com a preferência por escravos africanos, a importação de “negros da guiné” passou a ser a atividade mais lucrativa do Atlântico Sul. Isso fez com que várias personalidades fossem lançadas na sociedade e tivessem grande reconhecimento do público, pois eram as responsáveis por alavancar a economia brasileira.

Grandes fortunas foram adquiridas até 1850 com a proibição do tráfico negreiro através da importação de negros para o Brasil. Os europeus justificavam o tráfico com a afirmação de que os negros saíam da África perdidos e sem Deus para morar no Brasil católico e, dessa forma, teriam a possibilidade de se converter. É importante ressaltar que os escravos não eram considerados como seres humanos dotados de alma, eram vistos apenas como peças utilizadas no trabalho, exatamente por isso é que Padre Antônio Vieira fez o seguinte discurso referindo-se aos negros trazidos ao Brasil:

“Começando, pois, pelas obrigações que nascem do vosso novo e tão alto nascimento, a primeira e maior de todas é que deveis dar infinitas graças a Deus por vos ter dado conhecimento de si, e por vos ter tirado de vossas terras, onde vossos pais e vós vivíeis como gentios, e vos ter trazidos a esta, onde, instruídos na fé, vivais como cristãos, e vos salveis. Fez Deus tanto caso de vós, e disto mesmo que vos digo, que mil anos antes de vir ao mundo, o mandou escrever nos seus livros, que são as Escrituras Sagradas. - Virá tempo, diz Davi, em que os etíopes - que sois vós - deixada a gentilidade e idolatria, se hão de ajoelhar diante do verdadeiro Deus: Coram illo procident Aethyopes- e que farão assim ajoelhados? Não baterão as palmas como

costumam, mas, fazendo oração, levantarão as mãos ao mesmo Deus: Aethyopia praeveniet manus ejus Deo.”

(VIEIRA, Padre Antônio. *Sermão XIV-1633*. Sermões. Vol. V Erechim: EDELBRA, 199).

Esse discurso parece extremamente incoerente, já que a forma como os africanos eram tratados era mais cruel do que o tratamento oferecido aos animais. O que fica claro é que a tentativa de catequização não se restringiu aos nativos brasileiros. Durante a colonização brasileira, os indígenas que não aceitaram a conversão foram escravizados e os negros africanos, que foram trazidos para território brasileiro com o único propósito de serem escravos, sofriam a mesma perseguição religiosa e não podiam se quer praticar sua fé.

#### MOBILIDADE POPULACIONAL DE NEGROS E FIM DO TRÁFICO

Segundo a autora Rosa Virginia, “o português se generalizou na amplidão do território do Brasil pela “voz” dos africanos e afrodescendentes”. Isso significa dizer que a língua portuguesa aos poucos foi se alastrando pelo Brasil através de negros africanos e de descendentes desses negros, sem mencionar a mistura que dava origem aos afro-brasileiros.

Durante o período de escravidão, os escravos tinham diferentes utilidades, a maioria trabalhava no campo. O percurso geográfico dos escravos aconteceu da seguinte forma: no séc. XVI e XVII concentravam-se nas lavouras da cana-de-açúcar nas capitanias litorâneas de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro; no séc. XVII e XVIII - Grande parte transitou para as áreas de mineração do ouro e de

diamantes, nos interiores paulistas, no centro e centro-oeste do Brasil; no séc. XVIII p/ XIX - Diminuindo a mineração, boa parte volta para o litoral do Rio de Janeiro e de São Paulo, onde ocorre novo impulso açucareiro; no séc. XIX - Concentravam-se no Vale do rio Paraíba do Sul, em áreas paulistas, do Rio e de Minas Gerais, locais em que se explorou o café. Acompanhando seus senhores, seguem para o Maranhão (colheita do algodão e fumo), também para Amazônia (exploração de especiarias).

Em 4 de setembro de 1850 foi aprovada, pelos deputados brasileiros, a Lei Eusébio de Queirós que proibia o tráfico de negros para o Brasil. Com a proibição do tráfico, a quantidade de negros africanos diminuiu ao mesmo tempo em que a quantidade de crioulos (negros nascidos no Brasil) aumentou consideravelmente. Isso fez com que o preço dos crioulos aumentasse e, conseqüentemente, concentrou a população escrava nas mãos dos mais poderosos.

Após ter ocorrido essa proibição da entrada de mais negros no Brasil, aconteceu um fenômeno de remanejamento dos escravos. As fazendas de café do sudeste demandavam uma quantidade enorme de mão-de-obra e por isso buscavam escravos em outras partes do próprio Brasil. Nessa época uma grande quantidade de escravos saiu das regiões nordestinas em direção ao sudeste. Estudos mostram que cerca de 200 mil escravos foram deslocados para o sudeste nesse período. Esse acontecimento começa a explicar os fenômenos linguísticos presentes no português brasileiro.

## A INSERÇÃO DE LÍNGUAS AFRICANAS NO BRASIL

Estudos indicam que, no período de importação de escravos, cerca de 200 a 300 línguas africanas foram introduzidas no Brasil. Essas línguas foram provenientes de duas grandes áreas, a primeira área foi a oeste-africana, caracterizada pelo maior número de línguas (fulfuldé, wolof, serei, temre, mande, kwa ou ghe, benuê-congo), a segunda foi a área banto, limitada à costa oeste africana (atuais Congo, Zaire e Angola) e só mais tarde à costa leste (Moçambique).

Quando um escravo era trazido para o Brasil, ele precisava aprender rudimentarmente o português porque escravos de diferentes etnias eram colocados juntos para evitar fugas e revoltas, segundo a historiadora Kátia Mattoso. Sendo assim, era necessário o aprendizado de um código em comum, no caso, a língua portuguesa.

Apesar de aprenderem o português, os escravos não tinham acesso à escolarização e, por isso, aprendiam apenas o suficiente para se comunicar e cumprir ordens.

Alguns atores se questionam sobre o motivo pelo qual não houve um dialeto africano no Brasil e as respostas são claras e explicadas pelos próprios fatos, se negros de etnias diferentes eram colocados juntos, não conseguiam se comunicar porque possuíam dialetos diferentes.

É fato que em alguns lugares o português tinha mais características africanas do que outros, isso se deve à grande quantidade de negros africanos que habitavam tais locais e ao pequeno contato que tinham com a língua dos brancos. Ainda hoje

existem lugares no Brasil que comprovam essa afirmação, como a cidade de Helvécia na Bahia, por exemplo.

### CONTRIBUIÇÕES AFRICANAS NO PORTUGUÊS

Na junção entre as línguas africanas e o português houve grandes influências vindas da África, existem evidências que mostram que, no final do século XVII, ainda se falava a língua geral em São Paulo e Rio grande do Sul, como descreve Renato Mendonça. Aos poucos a obrigatoriedade da língua geral foi dando lugar ao surgimento do português tipicamente brasileiro.

Dentre as influências africanas destacam-se interferências no âmbito lexical, morfológico e semântico, abaixo algumas das principais mudanças encontradas no campo da fonética, descritas no livro *A influência africana no português do Brasil*:

Vocalização: o fonema linguopalatal *lh* é transformado na semivogal *y*

Mulher > *Muyé*

Esse fenômeno também é encontrado nos dialetos crioulos

Melhor > *Meyor* (cabo-verdiano: *lh/y*)

Filha > *Fiya* (guineense: *lh/y*)

Na Ilha de São Tomé o fonema *lh* sofre o processo de síncope:

Orelha > *Uriá*

Assimilação: o fonema *j* dá lugar à sibilante *z* e o *g* transforma-se em *z* antes de *e* e *i* o dialeto carioca

Jesus > *ZeZús*

José > *Zozé*

Genebra > *Zinébra*

Registro > *Rezisto*

Dissimilação: ocorre em grupos consonânticos de difícil elocução

Negro > *nego*

Alegre > *alegue*

Aférese: caracterizadas por serem violentas

Estar > *tá*

Você > *ocê*

Acabar > *cabá*

Sebastião > *Bastião*

Apócope: sempre aparece em *l* e *r* finais

General > *generá*

Cafezal > *cafezá*

Mel > *mé*

Esquecer > *esquecê*

Artur > *Artú*

Em alguns dialetos crioulos da África também aparece a queda do *r* final

Chegar > *chega* (cabo-verdiano)

Colher > *cuié* (São Tomé - às vezes se troca o *l*: *irmonlimò* ou se recebe o apoio do *i*: *flor* > *florí*)

Vender > *vende* (Ilha do Príncipe)

Matar > *mata* (Ilha de Ano Bom- às vezes recebe um *e* de apoio: *miere* ou alterna com *l*: *Senhor* > *chior*)

Metátase o *e* da sílaba *es* é transposto para *se*:

Escova > *sikova*

Escola > *sicora*

Escaler > *sikarera*

Espada > *supada*

Espoleta > *supoleta*

Rotacismo: substituição do *r* pelo *l* palatal ou o abrandamento em *r* fraco (ocorreu devido à inexistência do *r* nas línguas bantu)

Rapaz > lapassi

Carro > calo

Subaract: eliminação de encontros consonantais

Cláudio > Culáudio

Clemente > Quelemente

Flor > fulô

Redução: redução popular dos ditongos *ei* e *ou*

Cheiro > chêro

Peixe > pêxe

Beijo > bêj

Pouco > pôco

Outro > ôtro ou ôto.

No campo morfológico as mudanças mais marcantes estão no que é encontrado no plural

As casa; os menino, os óio > zóio.

No Distrito Federal percebe-se a substituição da forma verbal *am* na terceira pessoa do plural pelo átono *o*

Amaram > amar

Fizeram > fizero

Disseram > dissero

Em São Paulo o gerúndio perde o *d* nas desinências

Andando > *andano*

Fazendo > *fazeno*

Comendo > *comeno*

Grandes influências principalmente no interior e na linguagem infantil: angu-carço, angu-de-negro, banzé-de-cuia, bodum-azedo, azeite-de-dendê, dendê-de-cheiro, cacá, pipi, bumbum, nenem, tatá, papato, lili, mimi, cocô, dindinho, bimbinha.

Todos os verbos oriundos dos dialetos africanos são de primeira conjugação: xingar, mandingar, zangar, bongar, carimbar, catingar, banzar, sambar, curiar, maxixar, cochilar, candongar, enquisilar, aquilombar.

Além dos verbos, podem ser encontradas diversas palavras de origem africana no português:

BANGUELA 1: sm.: nome de um povo negro embarcado em Benguela. Há também a forma benguela.

BANGUELA 2: adj.: pessoa sem os dentes da frente. ETIM.: provém do costume dos banguelas que Arrancavam os dentes da frente em criança.

BATUQUE: sm.: dança com sapateados e palmas. ETIM.: termo africano do landim batchuque, tambor, baile e nada tem que ver com o verbo bater (Dalgado). ABON.: "Há anos em P. Alegre, para os lados da Azenha, havia um batuque de grande nomeada como 'farmácia' de excelentes remédios em questão de amor" (H. De Irajá, 1932, p. 33).

CAÇULA 1: sm.: o filho mais moço. ETIM.: do quimbundo kazuli, o último da família. Ar. geogr. : termo geral no Brasil. ABON.: "Havia um homem que tinha três filhos: João, o mais velho, o outro Manuel e o caçula José" (S. Romero, Contos, p. 124).

CAFUNÉ : sm.: estalidos com o polegar no alto da cabeça.

ETIM.: Prende-se ao quimbundo kufundu, cravar, enterrar.

CANDANGO: sm.: nome com que os negros designavam o português. ETIM.: M. Soares diz ser quimbundo. No reino da Jinga, os portugueses chamam-se kangundu.

CANJICA: sf.: papa de milho verde. ETIM.: não nos Parece africano como pensavam Carlos Pereira (Gram. Hist., p. 244) e M. Maciel (p. 244). Podemos acrescentar que, em pesquisas posteriores, encontramos na obra de Richard F. Burton, *The Highlands of Brazil*, 1869, I, p. 89, a origem asiática: "Canjica é a forma diminutiva de canja, uma palavra em que os

Anglo-Indianos dificilmente reconheceriam a velha forma familiar congee ou caldo de arroz".

COCHILAR: v. intr.: cabecear com sono. ETIM.: do quimbundo koxila, dormir (Pereira do Nascimento, Dicionário Português Kimbundo). João Ribeiro apontou esta origem em A língua nacional, 2ª ed., 1933, p. 248. ABON.:

"Mas como eu, precisando de descanso, Já cochilava, e tão de manso e manso, Batestes, não fui logo, prestemente, Certificar-me que aí estais" 165.

DENGOSO: ad.: cheio de dengue. ETIM.: derivado de dengue. ABON.: "Lúcia encostou-se à secretária, d'olhos baixos, resmungando em tom dengoso" (Idem, p. 65).

ENGAMBELAR: v. intr.: seduzir, agradar para enganar. ETIM.: talvez provenha de ngimbelar, ação e prática do ngombo, adivinho, feiticeiro em quimbundo. Existe a variante engabelar (João Ribeiro, R. L. P., IV, 1920, p. 52).

EXU: sm.: diabo, espírito maligno na macumba. ETIM.: do ioruba exu, o espírito do mal.

FUBÁ: sm.: farinha de milho ou de arroz. ETIM.: do quimbundo fubá, farinha, com acutização (Chatelain, Folk-Tales of Angola, p. 288).

INHAME: sm.: nome de um tubérculo comido sob a forma de farinha, planta asparagácea. ETIM.: termo africano proveniente da raiz nyame, comer, existente em todas as línguas bantu (Meinhof, Introduction). O nome tupi é cará.

MACUMBA 1: sf.: feitiçaria, candomblé. ETIM.: termo africano. Há também o adj. macumbeiro. Ar. geog.: Rio de Janeiro. ABON.: "E assim tem 'siá' Florência uma infundável coleção de receitas dessa magia sinistra das macumbas" (H. de Irajá, 1932, p. 170). MACUMBA 2: sf.: instrumento musical dos negros. ABON.: "... produzindo esta mudança de efeito o rolar surdo das caixas de guerra, o som de rapa das macumbas em grande número..." (M. M. Filho, p. 370).

MARIBONDO: sm.: inseto, vespa. ETIM.: do quimbundo ma, prefixo plural da quarta classe + rimbondo, vespa, que deu diretamente a forma popular marimbondo, de que maribondo já é uma alteração culta.

MOLEQUE: sm.: menino, rapazote entre os negros. ETIM.: do abundo muleque, menino. O feminino moleca tem a mesma origem muleka. Há em português os derivados molecada, bando de moleques, e molecagem, ato de moleque. Em Pernambuco e Alagoas se usa um bolo comprido e achatado conhecido por "pé de moleque".

QUITANDA: sf.: venda de verduras, frutas e outros vegetais comestíveis. ETIM.: do quimbundo kitanda, feira, nome da terceira classe, como indica o prefixo ki.

QUITUTE: sm.: iguaria de apurado sabor. ETIM.: do quimbundo kitútu, indigestão. Naturalmente um bom prato é repetido imprudentemente, o que produz às vezes uma indigestão...

## A COMUNIDADE DE FALA DE HELVÉCIA- BA E A HIPÓTESE DE CRIOLIZAÇÃO

Helvécia se originou da Colônia Leopoldina, uma colônia suíço-alemã estabelecida em 1818 que dependia da mão-de-obra escrava para o cultivo do café. Está localizada no Município de Nova Viçosa-BA e tem sua economia voltada para agricultura, pecuária e indústria de celulose. A sua população, em 1996, tinha um total de 16.474 habitantes, sendo que 15.108 viviam na zona rural, e apenas 1.366 constituíam a população da vila de Helvécia. A comunidade de Helvécia tem cerca de 54% da população maior de 5 anos alfabetizada e cerca de 22% maiores de 60 anos.

Os escravos trazidos para a colônia Leopoldina e que, sequencialmente, fixaram-se em Helvécia são originários dos grupos etnolinguísticos: monjolo, nagô, gêge, cabinda, Moçambique e benguela. Desses grupos etnolinguísticos, é provável que pelo menos três línguas fossem faladas nas senzalas: nagô, congo e benguela. Relatos mostram que em 1858, a população da colônia

Leopoldina era constituída por 200 homens brancos e 2000 negros, aproximadamente.

Uma hipótese levantada para o caso especial de Helvécia é o fato de que os escravos que se fixaram nessa região ficaram mais isolados do que os outros que foram dispersos pelo Brasil. Além de que os senhores de engenho não tinham o português como língua materna, fazendo com que o contato com a língua fosse menor.

O primeiro estudo feito em Helvécia datou do ano de 1961 pela pesquisadora Carlota Ferreira, mesmo com recursos limitados ela conseguiu reunir algumas informações que indicavam um possível processo de crioulização ou semi-crioulização:

-uso variável do artigo definido

Ex.: "quando abri janela"

-variação na concordância de gênero, tanto no interior do SN(Sintagma Nomina) quanto na relação com um termo predicativo:

Ex.: "io ñ póde rumá o casa"

"ela é muito saído"

-simplificação da morfologia flexional do verbo:

- variação na flexão número-pessoal que atinge a primeira pessoa do singular:

Ex.: "io sabe"; "io esqueceu"

-uso da forma do presente pela forma do pretérito do indicativo:

Ex.: "io ñ póde rumá o casa" ('eu não podia arrumar a casa')

- uso da forma do infinitivo em contextos de formas finitas:

Ex.: "io conhecê" por 'eu conheço'; "ele morê" por 'ele morreu'; e "quando io andá na Ponta de Areia, ñ tinha nada" ('quando eu andava em Ponta de Areia, não havia nada lá').

Atualmente as características crioulizantes encontradas em Helvécia são menos acentuadas do que eram na época da primeira pesquisa, mas estudos feitos em 1988 e 1999 mostram que algumas estruturas ainda persistem na fala dos habitantes:

-Na estrutura do SN(Sintagma Nominal)

uso variável do artigo definido:

"eu sô fia de lugá"

'eu sou filha do/deste lugar'

-Na morfologia verbal

o uso de formas do presente utilizadas para expressar ações e estados que ocorreram no passado:

A véia Veronca ñ é mãe dela non.

'a velha Verônica não era mãe dela'

Quando chega lá, eles ñ queria que eu sai ñ.

'quando cheguei lá, eles não queriam que eu saísse'

Quando eu veio logo, ele já toma.

'quando eu vim, ele tomou [aquilo] logo'

o uso de formas aparentemente finitas em contexto de formas do infinitivo, como em (i), e vice-versa, como em (ii):

Ele não pode vai lá não.

'ele não pode ir lá'

Eu comê só uma vez

'eu comi só uma vez'

-redução da concordância verbal que atinge todas as pessoas do verbo, inclusive a primeira pessoa do singular:

Eu vai planejano assim mehmo.

'eu vou planejando assim mesmo'

-variação relativa à presença do verbo copulativo:

Esse aí Ø neto de Casimiro.

'esse aí é neto de Casimiro'

-Nas relações sintagmáticas e oracionais

variação no emprego de preposições:

Meu amigo, eu num vou dizê o senhô que não.

'meu amigo, eu não vou dizer ao senhor que não'.

Eu tenho direito distraí um pouco.

'eu tenho o direito de me distrair um pouco'

-variação no emprego de complementizadores:

Inda finado queria eu vai.

'o finado ainda queria que eu fosse'

A pessoa num subé cuzinhá uma carne tá ruim.

'a pessoa que não souber cozinhar uma carne está ruim'.

Atualmente, essas mudanças significativas em Helvécia são encontradas em menor escala, devido à grande interação dos habitantes mais jovens com os meios de comunicação e com povos de outras regiões, o falar tipicamente conhecido de Helvécia vem dando lugar a formas mais comuns no português. Ainda assim, as estruturas encontradas durante as duas pesquisas realizadas provam que a interação entre os povos é sempre responsável pelas modificações encontradas em uma língua.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tantos fatos comprovadores é possível afirmar que a língua não é estática, foi preciso a junção de todos os povos que, de alguma forma, contribuíram na formação da identidade brasileira para que o português aqui falado se tornasse o que é.

Hoje é de conhecimento de todos que os grupos africanos que foram trazidos para o Brasil interferiram na formação do idioma, mas influenciaram também na cultura do país. Em várias regiões na Bahia, por exemplo, é possível encontrar com mais força a influência africana na

religião, mas em todo o território brasileiro existem aspectos advindos da cultura negra.

No campo do folclore, na alimentação, nas vestimentas, africanos e indígenas tiveram participação crucial na definição desses aspectos. O que acontecia nos estudos mais antigos era que o que vinha da cultura africana era deixado em segundo plano em detrimento de palavras e costumes da cultura indígena.

Na literatura, muitas vezes o negro era retratado de forma animalizada ou com certa vexação, hoje é perceptível que isso se devia à cultura da época. O que de fato importa é que, nos estudos atuais, a influência da cultura africana é tida como muito importante na formação do Brasil e de fato foi.

Não se deve negar o fato de que o período de colonização brasileira foi marcado por intenso sofrimento de africanos e indígenas e pela exploração incessante das riquezas do solo brasileiro, mas isso mostra que o contexto histórico de um país e, conseqüentemente, de um povo tem total relação com a cultura e os costumes da atualidade.

O que se infere dos estudos a respeito da formação da língua portuguesa no Brasil e da identidade nacional é que não existiria um povo brasileiro sem a participação da cultura africana ou dos indígenas que aqui já habitavam. Através do processo de exploração o Brasil teve contato com outros povos e talvez esse seja um ponto positivo deste mais de um século de exploração, o que se pode afirmar com certeza é que o Brasil se tornou o que é hoje graças ao contexto em que foi formado, caso tivesse nascido de outra história,

seria outro Brasil, com outros costumes, outra identidade e outra língua.

## REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: companhia das Letras, 2000.

ASSIS, Maria Cristina de. *A história da língua portuguesa*. In [http://portal.virtual.ufpb.br/bibliotecavirtual/files/historia\\_da\\_langua\\_portuguesa\\_1360184313.pdf](http://portal.virtual.ufpb.br/bibliotecavirtual/files/historia_da_langua_portuguesa_1360184313.pdf)

CONRAD, Robert. *Tumbeiros: o tráfico escravista para o Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ELIA, Sílvio. *Os Fundamentos Histórico-Linguísticos no Português do Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MENDONÇA, Renato. *A influência Africana no português do Brasil*. Fundação Alexandre de Gusmão, Brasília 2012.

Sites visitados

África e africanos no tráfico do Atlântico:

[http://www.ceao.ufba.br/livrosevideos/pdf/uma%20historia%20do%20negro%20no%20brasil\\_cap02.pdf](http://www.ceao.ufba.br/livrosevideos/pdf/uma%20historia%20do%20negro%20no%20brasil_cap02.pdf)

Acesso em 23 de maio de 2014.

Vertentes do português popular do estado da Bahia:

<http://www.vertentes.ufba.br/a-comunidade-de-fala-de-helvecia-ba>

Acesso em 19 de maio de 2014.